

BRASIL - PORTUGAL

16 DE SETEMBRO DE 1906

N.º 184

Instrucção publica



— Oh, seu «policia»! o que foi aquelle ali da peanha?
— Eu cá estou em que foi chefe da judiciária...

Camões, chorando, a João de Deus...
— Agradeço-te, amigo, o teres feito
Um livro que me pode um dia
Fazer comprehendido!...

A missão de S. José de Boroma na Zambézia

Já aqui ha annos n'este mesmo logar demos desenvolvida noticia, acompanhada de gravuras, acerca da missão que os benemeritos padres jesuitas fundaram alguns kilometros a montante da Villa de Tete, na margem direita do Zambeze.

Essa missão que tem já vinte annos ou quasi, levou alguns annos primeiro que conseguisse firmar raizes seguras n'aquelle solo ingrato, onde as crenças são menos que tenues, onde

Actualmente é a missão de S. José de Boroma dirigida pelo Padre João Hiller que está por lá ha mais de vinte annos, que tem padecido terriveis doencas provenientes do clima, mas que vae resistindo e vencendo sempre as intemperies pela sua robusta organização physica, e pela sua valentissima dedicação ao bem das almas dos negros, que o faz permanecer firme no seu posto.

A missão está edificada no alto de uma suave colina, 50 metros acima do nivel do rio, e 189 acima do mar. A distancia das edificações á praia do Zambeze anda por uns 100 metros.

Mesmo ao centro ergue se a magnifica igreja que domina todos os outros edificios, e que tem capacidade para receber á vontade 2.000 fieis; fica-lhe á direita a escola e mais adiante outro edificio em cujo andar terreo está a enfermaria para os indigenas. No primeiro andar ha dois quartos para doentes europeus e uma vasta



A missão de S. José de Boroma no seu conjunto

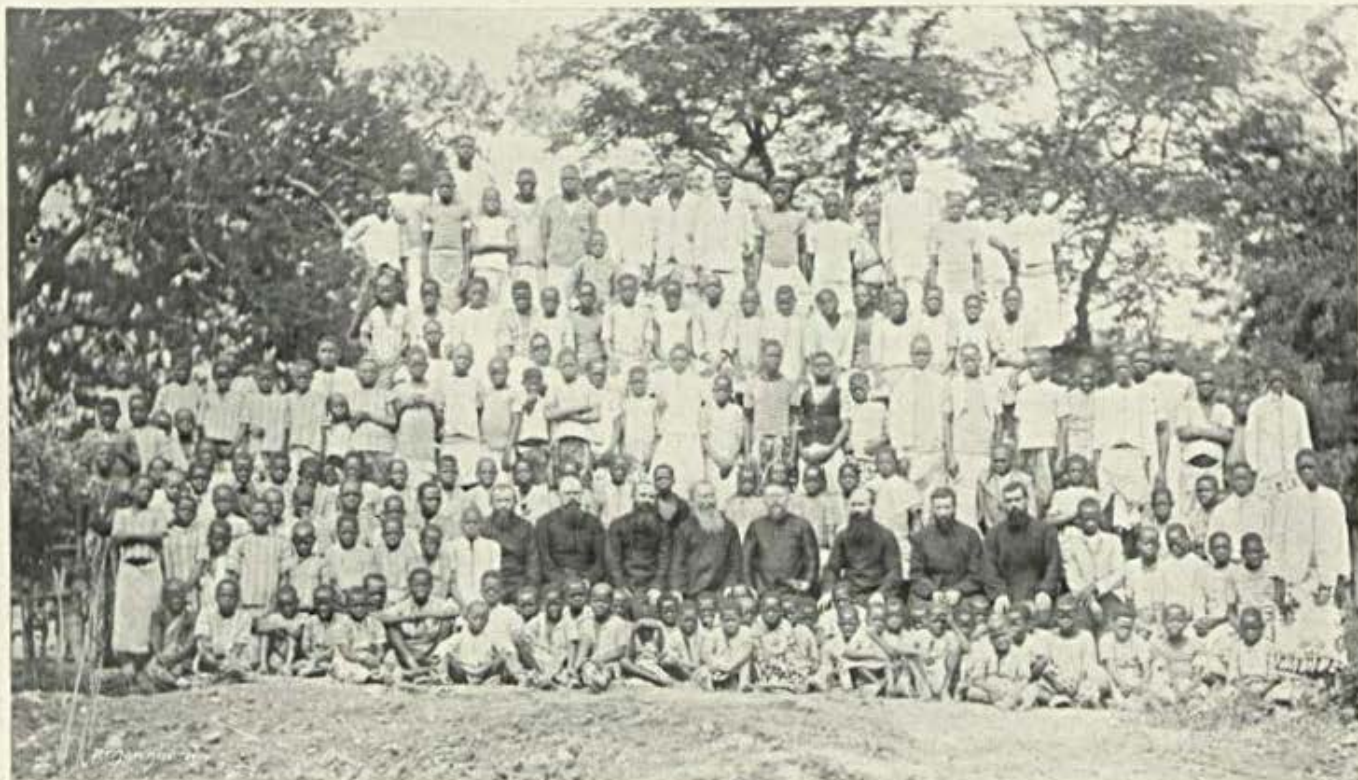
não existe quasi a fé, onde o clima se obstina em inutilisar e derubar os mais corajosos luctadores.

N'esta missão, a mais avançada e importante que existe na Africa Oriental portugueza, teem os seus progressos sido assignalados por innumerados sacrificios de capitaes, e de vidas dos seus mais audazes obreiros, animados todos pela esperanza de uma recompensa que de homens não poderiam receber! Foi assim que lá morreram em Africa ao cabo de abnegações verdadeiramente heroicas e unicas, o santo e benemerito padre Victor José Courtois, o zelosissimo padre Caimermann e muitos outros de mais modesta categoria, mas todos illuminados pela mesma fé ardente e viva da regeneração e salvação das almas dos ingenuos e rudes habitantes indigenas d'aquelle região.

sala que serve de museu e onde se acham, convenientemente installadas e dispostas, variadas collecções. Esta casa é toda circumdada por uma varanda.

Temos tambem o estabelecimento completo das irmãs em edificio independente e isolado. A' esquerda da igreja está a casa dos Padres, os dormitorios e diversas officinas. Ha uma ultima casa com uma elevada chaminé; é ahi que estão montadas machinas de vapor que põem em movimento uma bomba que toca agua de um poço na base do outeiro e que depois a eleva para ser distribuida por todas as dependencias da missão.

Uma transmissão de movimento da mesma machina faz trabalhar duas serras circulares, uma serra fita e um torno, na officina de carpinteria e serviços correlativos.



Os padres da missão e alguns educandos. Ao centro o superior padre João Hiller com a barba branca

Está projectada ao outro lado das machinas uma grande casa para servir de officina de tecelagem para fornecimentos propriamente do pessoal da missão, visto que a exploração da industria de tecidos de algodão para fins commerciaes de exportação não pode dar resultados vantajosos a uma tão grande distancia do littoral, e com tão precarios e imperfeitos meios de transporte, como hoje ainda ha. Mas essa officina de tecelagem não tem, por enquanto, podido passar de projecto, por falta de recursos pecuniarios.

Todos os edificios cujo conjunto constituem a missão de S José de Boroma são solidamente construidos de tijolo e cal e tambem de pedra, cobertos por chapas de ferro ondulado e galvanizado, tudo á custa dos rendimentos da missão que não são muito avultados, mas que são geridos com o mais cuidadoso e desvelado escrupulo.

Navegando no rio tem a missão o seu vapor *Salvador*, unico barco que póde andar no Zambeze durante todo o anno, graças á sua primorosa construção baseada intelligentemente sobre informações muito bem reunidas. As suas características são: 18 metros de comprimento, 3^m,4 de bocca, uma roda propulsora na pópa com 3^m de diametro. O barco tem uma



O povo saindo da igreja da missão depois da missa

sua machina *machina de costura*. O vapor demanda apenas 35 a 40 centímetros, levando no tempo secco a maior parte da carga em lanchas aos dois bordos.

Os diversos pontos da Zambesia onde os Padres Jesuitas teem missões são, além de Boroma, o Zumbo no alto Zambeze acima da Carobaça, e a Chupanga cá em baixo quasi defronte do Vicente. Estes diversos estabelecimentos precisam cada anno cerca de 80 toneladas de materiaes para construção e para as suas escolas d'artes; precisam de provisões para os brancos e para os pretos, fazendas diversas para pagamentos e vestuario etc. etc. Os vapores de commercio do rio levam de frete por estes transportes não menos de £ 6 por tonelada, ao passo que os padres, no seu vapor apenas dispendem £ 2, havendo portanto uma economia de £ 300 annuaes, afóra muitas outras conveniencias e commodidades que o vapor lhes proporciona.

Ha actualmente 500 pessoas dependentes da missão de Boroma que os padres sustentam, vestem, educam e instruem nas letras, na moral christã e em varios officios. São 250 raparigas, 200 rapazes e 50 velhos operarios ou doentes que são asylados e tratados caritativamente por não poderem já trabalhar.

Os officios que são ali professados são os de sapateiro, carpinteiro, pedreiro, ferreiro, alfaiate, serralheiro e machinista. As despesas da missão andam por 12 a 14 contos cada anno para os quaes o governo



Officina de carpinteiros

tal velocidade que póde vencer os rapidos da Lupala mesmo nas grandes cheias!

Para mover a grande roda e imprimir-lhe 30 a 40 revoluções por minuto disseram os constructores que precisariam de uma machina de 60 ou 70 cavallos com caldeira correspondente o que seria pesadissimo para um barco pequeno; para isso teria sido necessario um calado de agua de 0^m,5 a 0^m,8 como são quasi todos os outros vapores do Zambeze, o que os torna improprios para navegarem nas grandes estiaagens.

Recorreu se então ao principio geralmente adoptado pelos americanos nas suas machinas: a velocidade é força. Construiu-se uma machina de grande velocidade dando 400 rotações e de 25 cavallos effectivos de força, transmittindo o movimento á roda da pópa por meio de uma corrente de aço na proporção de 10:1. Basta-nos pois que a machina dê 250 rotações para que a roda dê 25 e para que se vençam as grandes correntes da Lupala levando 20 toneladas de carga.

Os pretos da Zambesia chamam ao vapor da missão *vapor velocipede*, e á



Officina de alfayates

contribue com 2 e agora passa a dar 3, além dos vencimentos de tres missionarios. O praso Boroma está nas mãos da missão e rende entre 1:000\$000 e 1:500\$000 réis; mas ha annos de fome em que nada se recebe, e outros de abundancia em que são arrecadados mais de 2 contos, tudo em generos que servem para sustento dos alumnos e educandos.

Quando estiverem concluidas as construcções de maior necessidade serão começadas diversas plantações ajudando as por meio de irrigação artificial a vapor, como se usa nas plantações das companhias do assucar. Sem irrigação artificial nada se consegue na Zambesia que é um paiz com uma distribuição de chuvas irregularissima. Uma das arvores que ha pouco tempo foi ensaiada em Boroma pela primeira vez e com optimo resultado, é a palmeira das tamaras; ha algumas plantadas ha 15 annos uma das quaes deu este anno nada menos de 150 kilos de fructo!

Vae tambem ser ensaiada com todo o cuidado a cuitura da arvore do pão que tão formosa e ornamental é e de tanta utilidade para alimentação.

Está projectado o estabelecimento de uma nova missão na Mancanga na margem esquerda do Zambeze, apenas o sr. padre Hiller que presentemente está refazendo as suas forças em Portugal, tenha recolhido á Zambesia sua patria adoptiva. Este benemerito e incançavel sacerdote que tantos beneficios tem feito á Igreja e ao Estado, tem administrado por lá o baptismo a 2300 pessoas em 15 annos, mas tem a satisfação de ver em volta de si e ao abrigo da sua influencia, dos seus conselhos e da sua palavra, 250 familias vivendo segundo os usos da moralidade christã. Não serão todos exemplares, porque em toda a parte ha bom e mau, mas é um grande resultado em meio de tanta selvageria e corrupção dos pretos, e de tão maus exemplos da maior parte dos brancos. Por ahi se vê que com persistencia, boa vontade, té e abnegação, alguma coisa se pôde conseguir dos pretos; mas para se obterem resultados verdadeiramente notaveis será preciso organizar um clero in-



O vapor «Salvador» ao serviço da missão

digena ou de pretos, como está provado ser possivel por muitos exemplos que nos apresentam as missões do Congo.

Diz o sr. Padre Hiller com toda a auctoridade da sua experiencia, que as obras de Deus crescem lentamente como as arvores e não aos saltos. Essa arvore sagrada plantada em Boroma cresceu desde 1888 e transformou-se dando hoje sombra que abriga centenas d'aquelles pobres abandonados e despresados da raça humana. Diz mais aquelle nosso respeitabilissimo amigo que tem empregado por lá 23 annos da sua existencia procurando o bem dos pretos, e que de boa vontade dará o resto da vida sentindo se feliz pelo exito obtido.

Não terminaremos estes apontamentos sem declarar para gloria dos Padres Jesuitas da Zambesia que não longe d'ali, nos territorios da Companhia do Nyassa, ha 10 missões protestantes onde se ensina a lingua ingleza, e nenhuma missão catholica!! E' occasião de bradarmos bem alto pedindo para esse facto escandaloso e anti-patrioticco a attenção e as providencias do sr. Ministro da Marinha.

AUGUSTO DE CASTILHO.

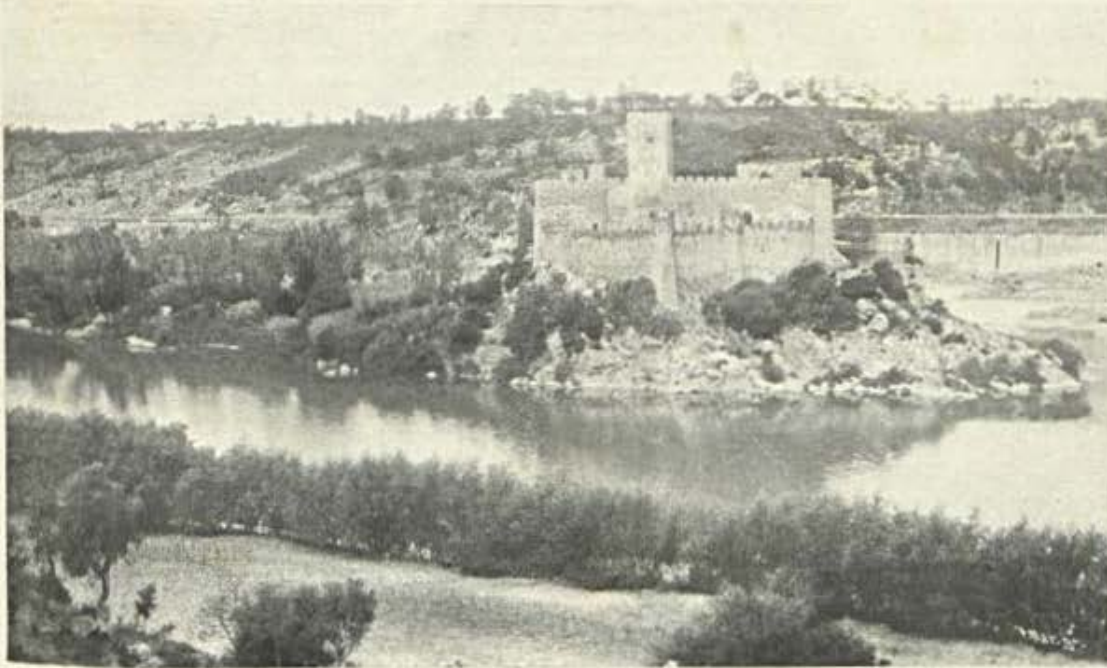


EM COLLARES



(Cibé Francisco Braga.)

Praia das Maças



O castello de Almourol

O velho castello que inspirou tantos trovadores e romancistas assenta a serto do Tejo, a dois passos da foz do Zêzere. Ignora-se a época precisa da sua fundação. Averigou-se apenas, por uma inscrição que existe ainda sobre a porta, que, em 1160, foi reedificado por Guablin Paes, mestre dos Templários. Tem quatro torres circulares em bom estado de conservação.

Fabulas párias

O dombarú e o crocodilo

Um dombarú (1), ao atravessar um rio viu um crocodilo que se debatia na agua, preso pelas guellas a um enorme anzol de ferro.

— Que me darás tu, perguntou elle ao animal que lhe pedia auxilio, se eu te der a liberdade!

— Recompensar-te-ei, respondeu o rei dos rios, de tal forma que nada mais ambicionarás até ao fim da tua vida.

O Dombarú, seduzido pela promessa, depois de muitos esforços, conseguiu soltar o crocodilo.

Mas no momento de reclamar a recompensa o animal abocou-o por uma perna, disposto a arrastal o para o fundo.

— Ah! maldito! Assim cumpres a promessa feita?! Gemeu o desgraçado.

— De que te queixas?, respondeu o crocodilo. Que podes tu ambicionar depois de eu te devorar? Deves agradecer-me, visto que te vou poupar aos precalços d'esta vida miseravel.

*Não conheces a sentença do sabio que disse "para de pé sentado, para sentado deitado, para deitado morto...?"

— Scelerado! Assim me pagas o ter-te arrancado a uma morte certa? Guarda a tua philosophia e deixa-me viver.

— D'onde diabo vens tu que não sabes que no mundo o bem se paga com o mal?!

*Vamos lá. Suspenderei por momentos a execução do meu projecto e vou nomear arbitros: elles resolverão. Se encontrarem um só que não seja da minha opinião concedo-te a vida.

O dombarú acceitou o alvitre e dirigindo-se a um coqueiro que se baloiçava sobre o rio perguntou-lhe se era justo pagar o bem com o mal.

— Como podes tu fazer-me uma tal pergunta?! respondeu o coqueiro. Pois não é assim que os teus semelhantes procedem comigo?

*Eu sustento-os com os meus fructos, refresco-os com o meu succo, as minhas folhas servem para lhes cobrir as cubatas, e depois de tudo isto como recompensam elles os serviços que lhes presto?

*Logo que a velhice me estanque a seiva, logo que eu não produza fructos, arrancam-me do meu leito para plantar outra arvore mais nova.

*Tenho sempre visto os homens fazerem, por habito, mal aos que os sustentam.

O dombarú fez a mesma pergunta a uma vacca velha que pastava pela margem reivosa.

— Fazes mal em perguntar isso, respondeu o pobre ruminante. Eu lavrei as terras dos homens, eu alimentei os com o meu leite, eu dei-lhes as minhas crias para os servir.

*E agora que já para nada sirvo, o meu senhor dei-

tou-me á margem para se não ver forçado a sustentar-me. E aqui ando errante por estes descampados até que me devorem as bestas feras.

O dombarú, já descoroçoado, dirigiu-se então a um cão que passava, e que lhe respondeu n'estes termos:

— Eu acarioo o meu dono, eu defendo-o, eu vélo para que os ladrões não lhe assaltem a casa, e em troca só recebo pontapés...

— Vês? disse o crocodilo em remate. Não deves admirar-te de que eu proceda como os teus semelhantes.

E sem se importar com os lamentos do dombarú, arrastou-o para o fundo das aguas.

Se não queres perder-te, não acudas a ninguém.

Lembra-te de que um bemfeitor é um fardo mais pesado do que a torre com que carregam os elephantes de guerra.

O ladrão e o rajah

Um ladrão, celebre por mais de cem proezas, foi preso e condemnado á morte.

O rajah de Travencor, a cuja presença o conduziram, disse-lhe:

— Concedo-te a vida, se fores capaz de me apresentar um ladrão mais fino do que tu.

— Então desamarrem-me já, porque não é um só, mas dez, cem, mil que vou indicar.

— Responde primeiro, retorquiu o rajah, e eu verei depois se és digno de que cumpra a minha palavra.

O ladrão não se fez rogado e declinou logo os nomes dos ministros do rajah, de todos os subedars das provincias e de todos os thalidars das aldeias (2).

— O homem tem razão, murmurou o rajah. Ponham o já em liberdade. Os homens denunciados são mais finos do que elle porque não se deixaram prender.

A virtude para os homens não é mais do que uma capa com que elles tapam os vicios. O mais virtuoso é o que for mais habil.

(1) Dombarú = pária jongleur, e comico ambulante.

(2) Governadores das provincias encarregados de cobrar os impostos.



Lisboa. — Edifício da Camara Municipal, largo do Pelourinho

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XI

Carta a um amigo que finge que passa o verão no Estoril. Um convite que se recusa. Adduzem-se razões em justificação da recusa. O que vieram fazer a este mundo de enganosa a pessoa a quem a carta é escripta e aquelle que a escreve. Philosophia por uma pá velha. Uma velha e sincera amizade permite ao auctor dizer quatro verdades amargas ao seu amigo. Pede-se desculpa mas não se accetta a solicitação de uma visita. Em compensação pede-se uma pescada do alto. Faculta-se a um amigo o enxejo de ser útil a alquem.

... Pela tua carta vejo que ali, n'esse mundano Estoril onde passeias o teu lasso corpo de mandrião e o snobismo da tua janotice, estes dias teem sido deliciosos de temperatura e de prazer. Mas, por mais que a solicites, não terás a desventura da minha visita. Esta mosca importuna não irá cair no teu prato de *consommé* à meza d'esse Hotel Royal de que me dizes maravilhas que me horrorisam. De resto, serás feliz sem mim e eu não serei tão desgraçado como se ali estivesse, aturando o teu hotel, o tal famoso sexteto, a batota e as tuas desesperadoras calças amarellas, largas e curtas, como duas bandeiras anunciadoras de peste.

Meu velho, nós nascemos em meios diferentes, e as nossas missões n'este estafermo de planeta que se esboroa por toda a parte em convulsões sismicas, são absolutamente oppostas. Tu, vieste a este

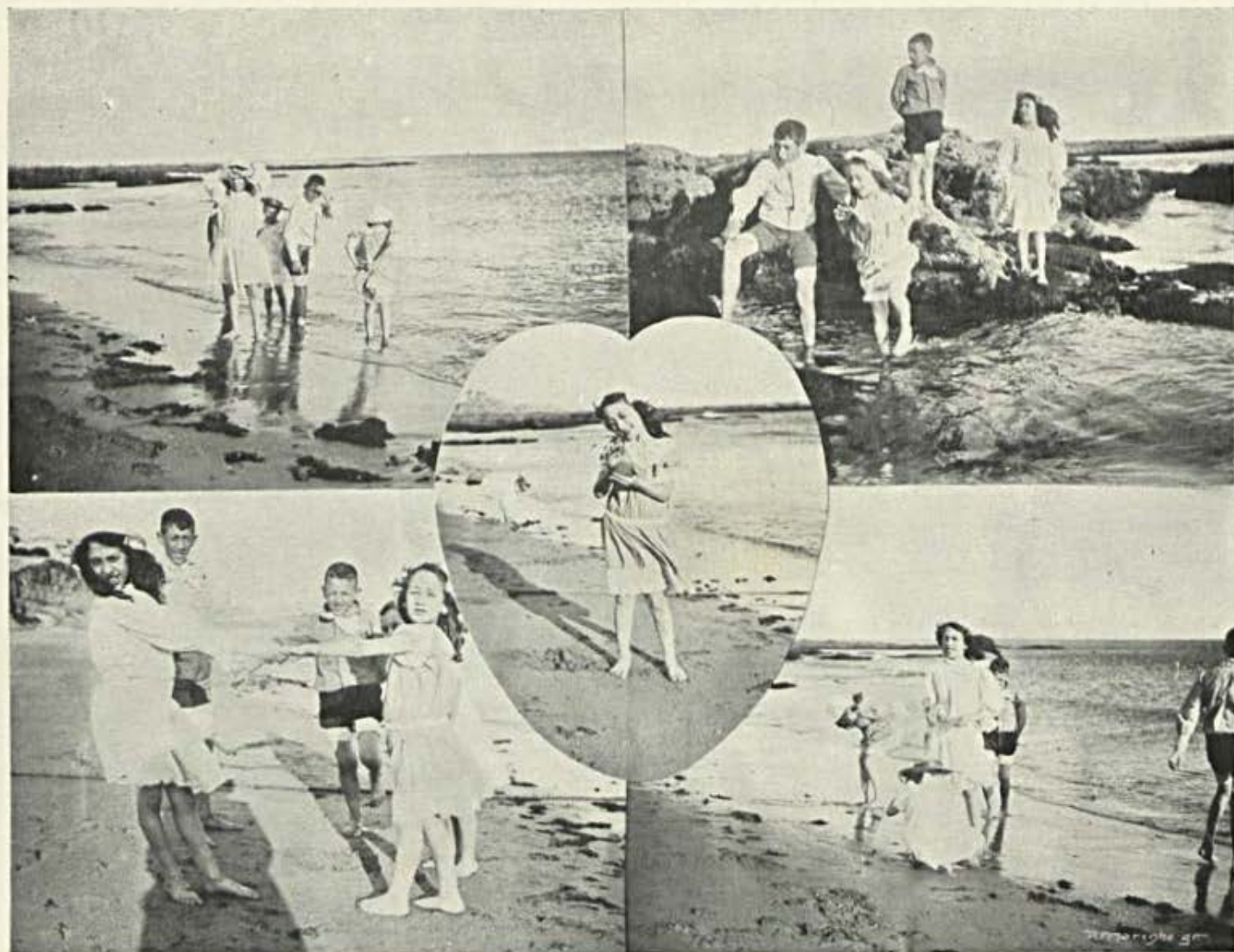
mundo para gosar (?) uma vida que eu considero criminoso por improductiva; eu, para cumprir um fadario de que não resulta bem moral para ninguém, mas que vai cobrindo os encargos d'um orçamento em que figuram pavorosas sommas de pães de pataco, dúzias d'ovos, meias arrobas de carvão, entim de todas aquellas coisas cujo consumo constitue a enfardadora estatística que os jornaes publicam de vez em quando subordinada ao titulo — *Ventre de Lisboa*. Tu vieste esponejar-te debaixo do sol para comer todas estas trapalhadas sem sobresaltos nem preocupações porque teu pae t'as deixou pagas; eu, para as engulir sabe Deus com que vontade e em que disposições de espirito, com os dedos da mão direita gastos de procurar corções no fundo de uma algebeira esbeçada, mais por essa procura do que pelo que realmente dentro d'ella está. *Bidas!* como diz philosophicamente aquelle gallego que nos leva cartas a casa do Peres, em Buenos Ayres. Pois é isso mesmo: *bidas!* São as nossas vidas. Que lhes havemos de fazer? Carregar com os respectivos fardos, caminhando tão direitinhos quanto nos seja possível, até que Deus Nosso Senhor nos faça mudar de directriz, a ti, permitindo-te o ineflavavel goso de um gavetão no teu magestoso jazigo dos Prazeres; a mim, fazendo-me resvalar ao impulso de um pontapé do Destino para um coval do Alto de S. João.

Estou a vêr-te franzir o sobr'olho ao ler estas palavras aridas de creatura conformada com o seu triste destino. Por um momento vacillo, não sabendo se te mostras trombudo pelo atrevimento da minha referencia aos fardos (tu não consideras a tua vida um fardo!) ou se fazes essa feia carranca para segurar o monoculo periclitante no olho esquerdo.

Pois, meu velho, conquanto te custe acreditar, fica convencido de que a tua vida é um carroto bem mais pesado que a minha. Não dás por isso porque os acasos da sorte permitem que materialmente vivas tão bem que te julgues dispensado da enorme tolice de viver um pouco moralmente. Eu, pelo contrario, tenho que viver muito moralmente para me permitir um supplemento de vida material tão acanhado como um supplemento do *Diario do Governo*.

Ah, por Deus não venhas com a piedoea objecção que já um dia

ECHOS DAS PRAIAS



Santo Antonio do Estoril

ouvi da tua boca, sublinhada por nobres lagrimas dos teus olhos: que a minha vida é uma lenta agonia. O que tu consideras agonia é apenas uma rude lucta. Nada mais. Que ideia tu fazes da agonia que não a reconheces na tua propria existencia!... Sim, na tua propria existencia, porque tu é que agonizas desde que nasceste, visto que não nasceste para viver. Viver, meu velho, é soffrer. E' claro que, quando digo soffrer, não me refiro a dôres de callos, abcessos ou anginas. Soffrer é, n'este caso, — como demonio te hei-de explicar isto, a ti, que não comprehendes estas coisas? — Já tiveste um dente furado?... Então imagina que soffrer, na vida, é como que sentir uma dôr de pensamento... furado.

Ora tu nunca foste atacado d'esta maledita porque, graças a Deus e com bom proveito para ti, nunca pensaste. Não fazas gestos de protesto! Faça-te esta justiça: — nunca pensaste. E ali é que tu me levas um partido enorme, incomparavelmente maior que o que me dás ao billiar, no Gremio, quando jogamos essas partidas que tu ganhas dextramente á minha impericia de pechote.

*
*
*

Pensar — eis o mal. Agora me dirás tu: mas quem te manda, a ti, pensar? E falarás, talvez, como um livro aberto, se assim monologares chegando ao primeiro patamar d'esta escada de considerações. Mas que queres tu? Como o outro que diz — não está mais na minha mão. O que tem de ser tem muita força.

O meu grande mal é tomar isto a serio. Enquanto cultivei no meu jardim espirital já tive d'isso, quando morava n'um quinto andar a flor verde das candidas illusões, ainda as coisas não me corriam mal. A verdade é que corriam, realmente mal, mas tão embevecido andava na póda e régua do lindo arbusto da chimera, que não sentia lacerantes espinhos do cacto concomitante a esta belleza de botânica. Mas um dia o perturbante aroma da flor evolou-se, a corôla gentil pendeu sobre a haste, amarelleceu, murchou, tombou, por fim, morta sobre a terra que lhe dera vida e que eu mordo hoje pulverizado — vencido. Como se a existencia d'elle dependesse da morte da pobresinha, o cacto cresceu, bello e selvagem, a esplendida flor vermelha, tumida do meu sangue, sorvida pelas furiosas ferraduras dos espinhos. E está cada vez mais bello e mais forte — e é cada vez mais cruel. Sinto-o cravar-se na minha carne com impeto e fereza e, porque viver é soffrer, como já te disse, aqui tens a razão por que vivo e, também, a razão por que penso.

Ora tu, d'estas trapalhadas da botânica metaphorica da vida co-nheces, quando muito, algum cravo das ferraduras do teu cavallo de sella, que nunca te fez soffrer, sequer, a dôr physica de uma parelha de coices, o que aliás seria natural, dado o convívio fraterno que mantens com o bonito bicho. Vives n'uma esplendida illusão e creio que o teu cavallo também. Nenhum de vocês raciocina e Deus permita que continuem assim. Tenho de mim para mim que, se o cavallo desatasse a raciocinar, te daria agua pela barba.

Vieste a este valle de lagrimas para mamar de uma ama e andar n'um carrinho empurrado por essa mercenaria com ajuda d'um policia (já tinhas policia á estribeira, em bambino!) para comer doces do Baltresqui, receber mimos dos teus papás e restante parentella, para mais tarde bater nas creadas e metter o dedo no nariz, para ficar reprovado em instrução primaria e ser presenteado por tão fausto acontecimento com uma bicyclette, para te adextrares nos diversos sports, para jogar a banca franceza, para desacreditar o Pitta com mexorofada que quotidianamente fazes de camisas, punhos e gravatas de côres as mais contradictorias, para, enfim, dar cabo de uma razoavel fortuna que o teu pae e senhor do meu maior respeito fez, mealha a mealha, n'um labor estupendo de moiro, em futilidades bem dignas do homem fútil que és, porque assim te fizeram. Os dias da tua existencia marcam-se com asneiras.

Agora, por exemplo, que fazes tu no Estoril? Quando eu o não soubesse, por não te conhecer, adivinhal-o-ia pela tua carta. Não ha, n'esse triste e curioso documento, uma phrase sobre o mar, a belleza do local, os beneficios dos banhos, a suavidade da temperatura.

Nada. Fallas-me apenas da tua «macaca á senisga» e de «pêgas todas onças», coisas que o meu engraxador traduziu esta manhã, enquanto me lustrava as botas, por infelicidade ao jogo e mulheres bonitas. E conclues por solicitar a minha visita.

Mas, meu caro e pobre amigo, não tens direito a exigir o meu sacrificio, tanto mais que elle não redundaria em proveito algum para ti. D'essa te livro eu! Não vou. Tem paciencia, mas não vou. Fico por cá, entretendo os poucos ocios a fumar pessimos cigarros e a ler pessimas gazetas, com o meu *Guerrita* no collo, resonando e piscando-me o olho como quem diz: isto é que é vida!

Agradeço-te de todo o coração o amavel convite, mas parece-me ter dado sobejas razões para justificar a recusa. Em todo o caso, e para que não fiques muito estomagado com o teu velho amigo, vou pedir-te um favor: — se arribar ahí algum barco de pesca e apparecer uma pescada do alto rijinha, manda-a arripiar, embrulha-a n'umas folhas de couve e envia-m'a pelo primeiro comboio.

Isto por cá, a respeito de peixe, está uma verdadeira desgraça. A Maria do Rosario passa os seus dias a descompor os inglezes que pescam n'uns vapores que ella descobriu. Manda-me a pescada e talvez evites um conflicto com a pertida Albion.

E agradece-me, grande ingrato, o serviço que te presto, facultando-te o meio de, pela primeira e talvez unica vez, gastares cinco tostões com utilidade e proveito para o teu semelhante.

Adeus, meu cabeça d'alhos. Recebe um estreito abraço de amigo velho. E não te esqueças da pescada.

Teu

CAMARÁ LIMA.

Conto premiado

Julio Rasal entrou no café Fornos mais tarde n'essa noite. Atirou desdenhosamente para cima da meza um jornal francez e disse:

— Ah! vai um raio de luz para os vencidos. Concurso universal de contos, aberto pelo *Figaro*. Doze premios chorudos — o primeiro de vinte e cinco mil francos. Quem se habilita? O jury é composto de tres sumidades litterarias — Cambruze, Claudio Gobelet e Victor Doliman.

E sorriu-se sarcasticamente ao pronunciar o ultimo nome.

— Tencionas concorrer ao certamen? perguntou um dos amigos de Julio com ironia.

— Tenciono ganhar um premio, respondeu o interpellado cynicamente.

Esta resposta foi acolhida com gargalhadas pelos plumitivos ineditos, que saíram do café commentando a irrisoria pedanteria do nosso heroe, no momento em que o sol espargia sobre Madrid os seus primeiros raios.

II

Victor Doliman era um dos litteratos mais conhecidos na Europa e na America. As suas obras haviam-lhe trazido uma solida reputação e uma bella fortuna que elle disfructava com sua filha Paula.

Desgostos da familia tinham azedado o caracter do celebre escriptor, que se retraira e afastara de trabalhos litterarios. Se não fora a influencia que sobre elle exercia o director do *Figaro*, teria recusado fazer parte do jury do concurso.

Incalculavel o numero de originaes recebidos na redacção.

Entre elles despertou a attenção de Victor Doliman um que viva-



ECHOS DAS PRAIAS. — Pedrouços

mente o interessou, não pelo assumpto comestivo, nem pelo estylo vulgar, mas por que reflectia nitidamente o estado do seu espirito.

No envolvero lia-se esta palavra *Justiça*. O thema era como segue:

«Uma encantadora menina de quinze annos accitou a côrte de um rapaz. O pae oppoz-se a estes amores por causa da má reputação do galanteador.

Tempo depois o pae da candida menina recebeu uma carta tão concisa como substancial. Rezava assim:

Senhor

A sua opposição ao meu casamento com sua filha foi inutil. Offereço-lhe, pois, uma reparação n'um dote de quinhentos mil francos. Espero a sua resposta em Londres.

Fulano de tal.

No primeiro impeto o velho pensou em estrangular a filha, mas raciocinou e cogitou n'um castigo mais pratico. Dominando-se, portanto, respondeu ao supposto seductor nos seguintes termos:

Espero-o na taverna de Santa Eugenia na estrada velha de Corbeil, no dia 31 d'este mez, para ultimarmos a transacção que me propoz e que muito me agrada.

Paris, 3 de janeiro de 1880.

Durante todo o mez de fevereiro d'aquelle anno os jornaes francezes occuparam-se do celebre crime da estrada de Corbeil, onde apparecera um homem morto, que não foi reconhecido, e cujo assassino se evadira sem deixar vestigios.

Ao chegar a este ponto o rosto de Doliman reflectiu viva alegria. «Pena foi que o culpado não recebesse o castigo tão habilmente preparado pelo pae da joven. O seductor, prevendo uma vingança, mandára ao local da entrevista um pobre diabo. Foi este que o assassino assalariado matou.»

Victor Doliman, attonito, teve uma convulsão de raiva.

— Hei-de saber quem foi que escreveu isto! rugiu elle.

Mas estacou de subito. Para abrir os sobrescriptos que encerravam os nomes e moradas dos auctores, era necessario que os contos fossem premiados — requisito explicito.

— Não importa. Hei-de sabel-o, custe o que custar.

Victor Doliman impoz-se e conseguiu que o conto *Justiça* fosse premiado.

Então despedaçou febrilmente o sobrescripto que lhe escaldava as mãos e devorou com assombro o nome do auctor.

— Julio Rasal!

E tombou redondo como se o ferira um raio.

O conto narra a sua propria historia.

A mulher deshonrada era sua filha Paula. O seductor era Julio Rasal.

III

O *Figaro* publicou o conto de Rasal, o que causou grande espanto nos centros litterarios e produziu largos commentarios trocistas.

Resuscitou-se então nos jornaes o famoso crime de Corbeil, esquecido havia annos.

Decorrido um anno os tribunaes francezes condemnaram Victor Doliman e Julio Rasal como implicados no crime da taverna de Santa Eugenia.

PABLO CASES

Politica internacional

Mais um acontecimento sensacional veio fazer convergir para a Russia todas as atenções. D'esta vez foi o attentado contra Stolypin, que custou a vida a mais de trinta pessoas, embora o ministro visado tenha podido escapar por agora. Comprehende-se a profunda emoção que este novo crime politico produziu não só na Russia mas em toda a Europa. E tambem maior é a impressão por elle originada, quanto é certo que se vae tornando geral o convencimento de que este attentado não será o ultimo. Pelo menos assim o affirma um manifesto publicado pela junta revolucionaria, no qual já se annunciam mais assassinatos se o governo persistir em seguir a mesma politica reaccionaria e continuar a negar-se a pôr em execução as reformas promettidas...

Aonde irá parar esta funebre serie, que cada dia se augmenta com novas execuções? Quando terminará este lugubre duello, em que uns matam em nome da lei, ou do que elles assim denominam, e os outros matam em nome da justiça popular, que a si avocou esta cruenta missão de exterminio? Estamos em presença de um facto unico na historia e ninguem pode prever-lhe as terriveis consequencias. Crimes politicos houve-os, sempre, não ha duvida. Attentados contra os homens publicos mais em evidencia não são raros nos annaes dos diversos povos. Mas eram esses actos de força factos isolados, esporadicos, sem ligação apparente que os prendesse entre si, e estavam muito longe de obedecer a este plano actual, friamente premeditado e levado á execução com uma inflexibilidade até hoje sem exemplo. E na obediencia a um plano preconcebido, que reside com effeito o facto novo, que tão importante papel está representando na revolução russa.



Não se pode prever até onde chegará o delírio de sangue, que parece ter-se apossado da Rússia. Se o governo não desiste dos seus propósitos de repressão a todo o custo, o partido revolucionário não desarma e alarga cada dia a esfera da sua propaganda pelo facto. Um a um vão caindo os mais altos funcionários do estado e não tardará o momento em que seja uma verdadeira condenação á morte a nomeação para os mais importantes postos da administração ou da politica. É dentro em pouco, a accentuar-se este regimen de terror, quem quererá estar em evidencia no imperio?

Foi a dissolução da *Duma* que aggravou a situação. Enquanto aquella assembleia politica funcionou, os attentados politicos quasi que tinham cessado. E cessariam completamente se o imperador Nicolau se tivesse curvado diante da vontade da nação, chamando ao governo um ministerio saído da maioria da *Duma*. Não só não quiz dar este passo decisivo para a acalmção do paiz mas praticou o erro gravissimo de violentamente dissolver a assembleia, em que a nação inteira tinha depositado todas as suas esperanças. O resultado era facil de prever, e é o que se está vendo.

Pode o governo perseguir, deportar, fusilar os revolucionarios ou os que elle assim qualifica. A paz jámais voltará ao imperio russo enquanto os votos da nação não foram attendidos. Os crimes politicos, como o que acaba de dar-se com o presidente do conselho, hão-de repetir-se. Entretanto a revolução ha-de ir organisando-se até que chegue o momento de poder triumphar. Mas quantas vidas preciosas se podiam ter poupado se o tsar comprehendesse bem o horror da sua situação e da situação do paiz, cuja guarda lhe está confiada?...

Tem corrido ultimamente com desusada insistencia boatos da

proxima retirada do chanceller do imperio, principe de Bülow. Já por mais de uma vez boatos analogos foram postos em circulação, sendo d'ahi a pouco desmentidos e tendo-se até hoje conservado no seu posto o primeiro ministro do imperio. Agora, porém, a fórma como a noticia apparece e sobretudo a qualidade da imprensa que lhe dá curso deixam suppôr, que alguma verdade ha no referido boato.

E' fóra de duvida que dois factos de natureza diversa, mas de resultados concordantes, devem ter levado Guilherme II a pensar na substituição do seu chanceller. Um d'esses factos foi a doença do principe de Bülow. Apesar de todos os relatorios optimistas é certo que a doença, de que em pleno Reichstag foi acomettido o chanceller, teve consequencias mais graves do que a principio se suppunha. Desde então e embora officialemente restabelecido, nunca mais o principe de Bülow poudo entregar-se ao trabalho com o mesmo afincio de antes, e a sua situação passou a ser secundaria na politica do imperio. Esta interinidade, occasionada pela doença, tem reclamado por outro lado do imperador um excesso de trabalho material, com que a sua saude não pode, suppondo mesmo que Guilherme II tem capacidade para dirigir elle proprio todos os negocios diplomaticos do imperio, sem a ajuda de um mentor.

Não admira, pois, que n'estas condições em Wilhelmstrasse se pense em dar ao sr. de Bülow um successor. Mas não é só a doença do chanceller que determinou a crise presente. O fracasso de Algeciras deve ter tido n'ella grande parte. Quando partiu para Tanger em som de guerra, o imperador julgava ter a certeza de sair victorioso da aventura em que se ia empenhar. Contra toda a expectativa, porém, em vez de ser apoiado pela maioria das potencias, cujos interesses elle dizia representar, viu-se o Kaiser isolado, ficando apenas com a Austria a seu lado, e esta ainda assim de má vontade. A Inglaterra foi a alma da resistencia contra as pretensões da Allemanha, e a defeção da Italia acabou de certificar

Escola Pratica de Cavallaria

Corridas no Entroneamento (agosto de 1906)



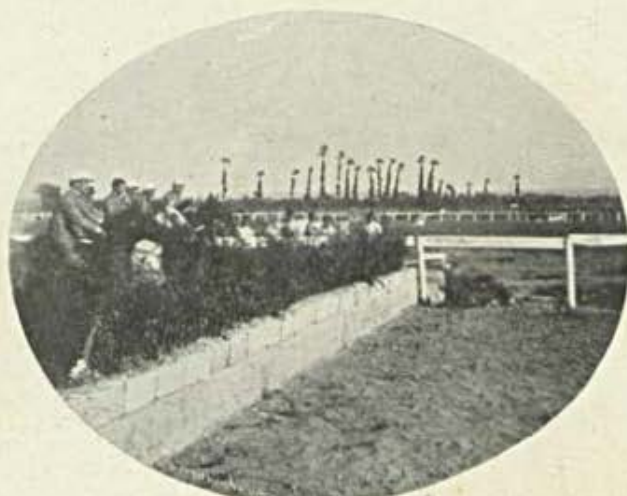
Aspirante Fernando Tarouca
Vencedor n'un grupo de aspirantes



Salto á valla



Salto de 1 metro



Grupo de aspirantes

Guilherme II de que a sua diplomacia tinha dado um passo em falso, para não lhe chamar monumental fiasco.

É claro que desde este momento a sorte do chanceller estava decidida. Como chefe supremo da diplomacia alemã era elle quem tinha de pagar os erros proprios e os do seu imperial amo. Se desde logo a demissão não appareceu, foi para não se accentuar a derrota da Allemanha. Era preciso encontrar um pretexto para cohonestar a retirada.

Ora o caso da doença repentina do chanceller veio servir ás mil maravilhas o plano do imperador de alijar mais este piloto do navio, que elle persiste em querer governar só.

Por todas estas razões é de crer que o boato da demissão do principe de Bülow seja d'esta vez verdadeiro. Será esta demissão merecida? E' e não é. Se attentarmos em que na Allemanha o chanceller do imperio não tem completa liberdade de acção, e em que elle deve muitas vezes, como no caso presente, cobrir com a sua auctoridade iniciativas alheias, que só podem ser prejudiciaes á sua orientação pessoal, dizemos que a demissão imposta por Guilherme II ao seu ministro, representa uma injustiça, visto que o principal culpado, pela sua situação especial, não pode ser atingido por qualquer castigo. Se attendermos, porem, a que o chefe da diplomacia de uma grande nação deve ser mais alguma coisa do que simples mandatario da vontade ou dos caprichos d'outrem, e que ha de pelo contrario ter ideias suas, que a ninguém deve sacrificar, sob pena de não corresponder ás altas responsabilidades do seu elevado cargo, n'esse caso a demissão é justissima, porque o sr. de Bülow nunca se soube impôr como o teria feito Bismark em occasiões idénticas. Haja vista a sua attitude por occasião da guerra anglo-boer e o triste discurso por elle pronunciado no Reichstag a respeito do exercito inglez, discurso verdadeiramente indigno de um estadista, mesmo de nome mais modesto, e que foi sem duvida uma das causas das difficuldades entre as duas nações e consequentemente da posição tomada pela Inglaterra na conferencia de Algeciras, razão primaria do desastre diplomatico do Kaiser.

O principe de Bülow não foi um grande ministro; nem mesmo se lhe pode chamar o discreto continuador da obra de Bismark. Apparece-nos por vezes em demasia enfatuado; outras singularmente leviano. E dá-nos sempre a impressão de um dilettante a tratar dos negocios, de um grande Estado com a desenvoltura de um politico de salão. Nos fins do seculo XVIII estaria bem em caracter. Nos principios do seculo XX é apenas um anachronismo fóra da moda. Não é, pois, uma grande perda para a Allemanha e muito menos para a Europa a sua demissão forçada.

Diz-se que o successor do principe de Bülow será o sr. de Radowitz, representante da Allemanha em Madrid e o primeiro plenipotenciario do Imperio na conferencia de Algeciras. Mais uma prova de que é a questão de Marrocos a verdadeira causa da mudança diplomatica, que se vae dar em Wilhelmstraße.

Sempre afinal se realisou a entrevista tantas vezes annunciada e outras tantas desmentida entre Eduardo VII e Guilherme II. Dado o estado de tensão, a que tinham chegado as relações pessoais dos dois monarchas, esta entrevista deve ter contribuido para tornar mais cordes essas relações. Que n'ella, porem, se hajam tomado compromissos capazes de fazer mudar a orientação da politica nos dois paizes, não o acreditamos por duas ordens de considerações. Em primeiro logar não é n'uma conversa de duas ou tres horas, que se podem discutir e muito menos resolver os complicados problemas da politica internacional de nações como a Allemanha ou a Inglaterra, suppondo mesmo que os dois monarchas tinham competencia pessoal para o fazer, o que não é caso de todo o ponto assente. Em segundo logar os interesses

coloniaes, commerciaes, industriaes e por consequencia politicos, da Inglaterra e da Allemanha são de tal maneira antagonicos, que não está na mão de estadista algum fazer desaparecer de um momento para o outro essa opposição. Assim, a entrevista de Cronberg ficará sendo apenas mais uma exhibição para a galeria, sem influencia decisiva na marcha dos acontecimentos, que seguem a sua marcha fatal, sem se preoccuparem muito com o que os reis ou imperadores conversam n'uma hora de desfatio.

CONSIGLIERI FEDOSO.

A epopéa da forja

Quando o Monstro bufar nas plagas da Victoria,
Movendo sobre o trilhão os muscos de metal,
Has de ver as visões esplendidas da Gloria
Teu nome burilar nos marmores da Historia,
A Biblia Nacional!

Quando o Leão de Ferro enfumacar os ares,
Impetuoso, veloz, silvando nos aertões,
O cuboc'lo, assustado, ha de atirar-se aos mares...
E o tigre ha de sentor, nas mattas seculares,
Estranhus crospações!...

Bellas hão de florir do Rio Doce as margens,
Do próspero colono aos cantos festivaes;
E nas horas da sesta, ao fresco das aragens,
Sentados junto á safra, os filhos dos selvagens
Hão de esperar seus paes...

Sim! que hão de vir bem cedo as tribus erradias
Com livres braços nus fertilisar o chão;
A Terra é a Mãe commum das gerações sadias:
E o Sol, o eterno Paes, nos dá todos os dias
O necessario pão.

Cowry estabeleceu a fórmula sagrada
Da Ordem e do Amor no social festim;
A Razão demonstrou que a epocha da Espada
Em fumo dissolven-se: o Seculo é da Enxada,
Das Machinas, da Luz e do Progresso emfim!...

1881.

Mucio Teixeira.



ESCOLA PRATICA DE CAVALARIA. — Tenente Ramos — Salto à valla



Salto academico



Salto de talude

NO MINHO



A caminho da romaria

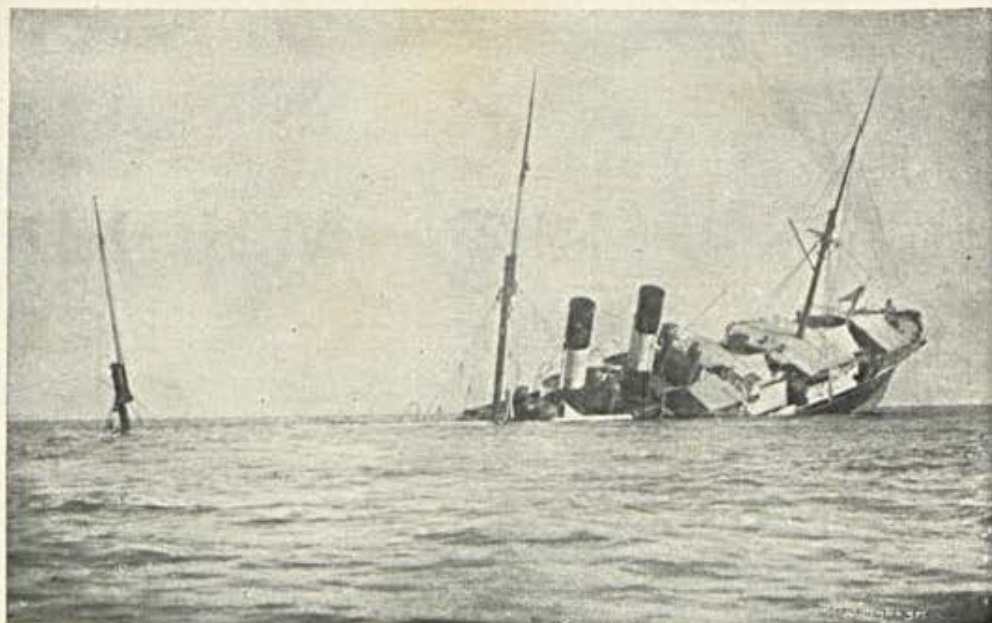
Naufragio do "Sirio,,

Publicamos algumas gravuras interessantes do naufragio que ha pouco mais de um mez se deu nos baixios que abundam nas immedições do cabo Palos. O *Sirio* saíra de Barcelona com cerca de novecentos passageiros, entre os quaes se encontravam o sr. arcebispo do Pará, o dr. Eduardo França, do Rio de Janeiro, sua esposa e sua filha, milagrosamente salvos. O navio, já velho, e entregue ao cuidado de um velho commandante, doente e teimoso, afundou-se em poucos minutos pela ré. Na previsão da catastrophe o barco de pesca *Vicente Lacombe* seguiu de perto o paquete que navegava imprudentemente a poucas amarras da terra. O encalhe não tardou e esse barco, auxiliado por outros, e logrando acercar-se do local do sinistro, salvou centenas de naufragos. Não conseguiu, porém, salvar o infeliz bispo de S. Paulo, que se afundou á vista dos pescadores consternados.

O arcebispo do Pará, sr. Homem de Mello e o dr. França encontraram-se em Lisboa, o primeiro de passagem para S. Paulo. O dr. França e familia seguem para o Rio por estes dias. Enterecedora a entrevista dos naufragos nas poucas horas que o *Thames*

se demorou em em Lisboa trazendo a seu bordo o illustre o prelado brasileiro.

O *Brasil-Portugal* felicita os nossos hospedes de poucos dias e que tão de perto viram a morte.



O paquete italiano "Sirio,,"

Que em 4 de agosto naufragou nas costas da Hespanha (baixios das Formigas)



Naufragos (tres) salvos do naufragio

Madame França, dr. Eduardo França e M.^{de} França. O filho do dr. França não estava a bordo

O heroe de Chaimite

Mais um livro nos apparece sobre a meza. Firma-o Eduardo de Noronha, um nome sobejamente conhecido n'esta pequena republica de letras e um trabalhador incansavel.

O livro, que se lê de um folego da primeira à ultima pagina, fixa a historia das nossas gloriosas campanhas na Africa oriental e põe em relevo o culto immorreitoiro de Mousinho de Albuquerque.

O livro escrito n'um estylo colorido e vibrante, contem dois prefacios — um do actual ministro da marinha, Ayres de Ornellas, e outro, muito sentido e muito portuguez, de Henrique de Paiva Couceiro.

O «Brasil Portugal» felicitando o auctor por mais este documento do seu alto valor, toma a liberdade de transcrever um trecho do seu trabalho tão patriotico e cujo delineamento é impecavel:

O incendio

Esperanhana, talvez o mais implacavel e tenaz dos inimigos do potentado de Gaza, era filho do regulo B'anguana, antigo senhor dos dominios onde Gungunhana entendeu por bem estabelecer o manjacaze. Amigo deliberado dos portuguezes, era elle o historiador dos officias da columna Norte, menos versados nos acontecimentos politicos dos povos indigenas.

No dia 30 de julho de 1895, ao cahir da tarde, ordenado o bivaque, foi chamado o Esperanhana para contar mais episodios da guerra dos zulos e dos vátuas, seus adversarios de tantos annos.

— E que succedeu depois do embarque do Catchuaio? — interrogou um dos assistentes mais impaciente e mais curioso.

— No dia immediato ao embarque de Catchuaio, 1 de setembro, — informou Esperanhana — e sexto anniversario da sua coroação, o general sir Garnet Wolseley reuniu os principaes chefes zulos em Ulundi. O interprete Somtzeu (Shepstone) declarou que a dynastia de Tchaca estava deposta e que o paiz seria dividido em treze districtos, sendo nomeados para os governar, entre outros, John Dunn e Klub, um chefe basuto que ficou com o districto que pertencera a Uziroio. Foi nomeado um residente, como conselheiro, junto de cada chefe, que é o transmissor dos seus desejos ao governo ingtez. Os limites da Zululandia ficaram determinados pelo Blood River no Penwane e rio Pongolo, ficando os districtos de Utrecht e Luneburgo excluidos d'esse territorio.

— Não foi n'essa guerra que mataram o principe Eugenio Napoleão III?

— Foi. O principe quizera a todo o transe ir para a guerra. Era official de artilharia e fazia parte do estado maior de lord Chelmsford. Na manha de 1 de junho de 1879 acompanhou uma força ás ordens do tenente Carey, que procedia a um reconhecimento proximo do rio Itiotosi, e no descanso desapparelharam os cavallos. Quando se dispunham a partir, o destacamento foi se acomettido por cincoenta ou sessenta zulos, que estavam escondidos n'uma *Donga*; cada um montou a cavallo e galopou para se salvar. Dois soldados foram logo mortos; o cavallo do principe, medroso, não o deixou montar. A pé, com o cavallo á redea, de espada em punho, fez frente aos zulos enquanto ponde, sendo morto ás azagaiadas depois d'uma breve lucta. A imperatriz Eugenia, sua mãe, visitou o logar d'este acontecimento em 1880, sendo escoltada por uma tribo zulo, na qual se podia dar a coincidência de haver algum dos que praticaram essa morte.

— E o paiz ficou socegado depois da guerra?

— Não, senhor. Os treze regulos nomeados em 1879 por Wolseley em nada mais pensaram do que na forma de se guerrear entre si. A maioria dos zulos, cansada de tantas luctas, desejava o regresso de Catchuaio e pediram-n'o ao governo ingtez que lh'o concedeu. O regulo tornou a ser investido nos seus altos poderes, a 29 de janeiro de 1883, pelo mesmo Shepstone, assistindo á cerimonia cinco mil zulos. O seu novo dominio consistia na Zululandia, ao norte de Amlatos, exceptuando um pequeno territorio a nordeste, que foi conservado a Usibepo, um dos treze regulos nomeados pelo governo ingtez.

— E ficou tudo em paz?

— Ainda não. Usibepo era oriundo da casa real zulo e inimigo inexoravel de Catchuaio; era filho de Mapita e neto de Sa-

tshiza, irmão de Senzalona. Usibepo auxiliado por outros chefes, obrigaram Catchuaio a fugir para o territorio sob o dominio directo de Inglaterra chamado *Reserve*. O rei zulo morreu, e o *uzutu*, gente de guerra, reconheceu Dinuzulo, seu filho, como seu successor. Tornaram-se quasi constantes os combates entre o *uzutu* e o *umandhlalazi*, homens de grande força, capitaneados, por Usibepo; a final venceram os primeiros, que obrigaram por sua vez Usibepo a fugir, depois de derrotado.

— E não se fundou ali uma pequena republica?

— Fundou. O *uzutu* chamou em seu auxilio alguns boers, commandados por Lucas Meyer, afim de vencer Usibepo; derrotado este concederam-lhe como recompensa um tracto de terreno de tres milhas quadradas, territorio que durante algum tempo foi chamado a Nova Republica, até que se fundiu em 1888 na Republica do Transvaal por accordo mutuo.

— E acabaram de todo os disturbios?

— N'esse mesmo anno, em 1888, houve discordias e conflictos na Zululandia promovidos por Dinuzulo e alguns outros chefes do *uzutu*, que pretenderam revoltar-se contra a auctoridade britannica. Dinuzulo foi accusado e julgado pelo crime de alta traição, bem como os dois chefes Undaluko e Tchingana, sendo condemnados: o primeiro a dez annos de prisão, o segundo a quinze e o terceiro a doze. A pena foi commutada, e foram banidos para a ilha de Santa Helena, onde estiveram. Dinuzulo foi reintegrado no seu posto e parece que depois governou com juizo. No entanto quem governa agora, a valer, são os residentes ingtezes.

— E os vátuas? Quem são os vátuas? Que quer dizer a palavra vátua?

— Vátuas, chamam-lhes os brancos; nós chamamos-lhes *rangoni*. Era uma das tribus zulos governadas por Zuide, quando Tchaca as destruiu. A gente que escapou á carnificina emigrou da Zululandia, repartida em dois bandos; um d'esses bandos era commandado por Manicusse, chefe de guerra de Zuide. Passou o rio Pongolo e arrouzou as terras do Macassana, mas vencido n'uma batalha e informado de que Tchaca enviara algumas *impis* para o perseguirem, atravessou o Incomati e estabeleceu-se no Bilene, nas duas margens do Limpopo. Encontraram-n'o ahí as forças de Tchaca, mas o Manicusse repelliu-as e fundou o imperio vátua...

— A mesma marcha de todos os conquistadores.

— O Manicusse assentou a sua povoação no Bilene e houve nas immedições d'essa povoação uma nova batalha em que elle tornou a ficar victorioso.

— E os indigenas que Manicusse avassalava não se insurgiram?

— Os povos que essa horda assolava, mais pastores que guerreiros, nem se lhe puderam oppôr, nem tentaram barrar um dique aquella invasão de bandidos, para quem a guerra era uma profissão e necessidade, e tornaram-se-lhes tributarios. De tal forma se reali-



Nafragos do "Sirio," e auctoridades de Cartagena

1.º Alcaide Cañete — 2.º Arcebispo do Pará, sr. Antonio Marcondio Homem de Mello
3.º dr. Eduardo França — 4.º general Auñon

5.º general governador de Cartagena — 6.º um filho do patrão Buigues

sou a invasão, tão impetuoso e forte foi o vendaval que devastou as terras dos *tongas*, que ainda hoje um só vátua cobra tributo em densíssimos centros de população, escolhe para si a mulher mais bonita, decide *mitandos*, rouba e assassina, sem que um d'esses *tongas*, por vezes valentes e destemidos, se lembre, n'um despertar de vingança, de cravar-lhe a azagaia em pleno peito.

— Manicusse conquistou então rapidamente o paiz?

— N'um prompto dominou toda a ampla região que vai de Magaia, em Lourenço Marques, até o Chiquala-Quala, em Inhambane. Depois annexou a Muçapa, em Sofala, e construiu a sua povoação no Mossurise.

— E com os portuguezes como se portou?

— Ora os hostilizava, ora fazia pazes. Em 1818 mandou azagaiair o negociante Souza Caldas, que queria fundar na foz do Limpopo uma feitoria para a pesca da baleia; em 22 de outubro de 1833 assaltou e invadiu o antigo presidio de Lourenço Marques, trucidando a guarnição e o governador Dionisio Antonio Ribeiro, que se refugiara na Nefina, mas que foi trazido de novo para a villa, para ali ser immolado; a 3 de novembro de 1835 investia Inhambane, assassinava o governador e a maior parte dos habitantes; em 1841, 1848 e 1856, tres vezes accommetteu Lourenço Marques para cobrar tributo ou saquear o povoado, mas foi sempre rechaçado.

— Era então um mau visinho?

— Da peor especie. Quando havia festas entre os vátuas, ou morria algum dos grandes *indunas*, era certo cair uma guerra em qual-



Juan Bautista Buigues

Pescador do Cabo Palos que se distinguio no naufragio do «Sirio»

quer pobre regulo alliado dos portuguezes, e a quem os portuguezes não podiam auxiliar.

— E quando morreu essa fera?

— Em 1859. Veiu ao Bilene, por causa das dissensões que lavravam entre os chefes a quem encarregara do governo d'esses dominios, e, accommetido de doença grave, morreu na povoação de Chaimite, onde foi enterrado.

— E como foi a guerra depois entre os dois irmãos?

— Manicusse deixou entre outros filhos Muzila e Mahueva. O legitimo, segundo a lei cafreal era Muzila. Logo após a morte do pae, os partidarios d'um e d'outro pretendente vieram às mãos, sendo Muzila obrigado a fugir, para se salvar, procurando refugio no Mossua'e, junto da povoação do portuguez, João Albazini.

— Mahueva ficou então com o poder?

— Mas abusou; tornou-se tão cruel e despotico que dentro em pouco era odiado por todos.

— Não fomos nós quem ajudamos Muzila a vencer o irmão?

— João Albazini, a pedido do Muzila, escreveu ao governador de Lourenço Marques, Onofre de Andrade, propondo-lhe para auxiliar o proscripto contra Mahueva ficando aquelle nosso vassallo.

— E o governador accitou?

— Accitou, depois de ouvidos os principaes moradores. Muzila pôz-se em marcha, atacando no trajecto um *induna* de seu irmão, a quem matou. Mahueva, logo que soube da resolução de Muzila, enviou dez mil homens ao seu encontro, para o aprisionar. Houve algumas escaramuças e depois um combate mais renhido em que as forças de Mahueva ficaram derrotadas.

— E Muzila?

— Foi a Lourenço Marques para assistir em pessoa aos preparativos da grande expedição. Agrupadas as mangas dos regulos avassallados dos portuguezes, na planicie da Munhuana, junto d'aquella cidade, foram-lhes distribuidas espingardas, cartuchame e provisões.

Eram mais de quinze mil homens. O exercito era commandado em chefe por Soteve e para participar ao governador o resultado do choque foi nomeado um soldado chamado Bento.

— Foi, é claro, Muzila o vencedor?

— No dia 14 de dezembro de 1861 as hostes atravessaram o Incomati e estenderam-se pelos campos da Moamba; encontraram o inimigo a 16 na vasta planicie de Namovunguehana. Muzila collo-



Vicente Buigues

Patrão do «Joven Miguel», um valente, condecorado com a cruz do Merito Naval

cou-se na defensiva; Mahueva atacou. A 17 houve uma primeira batalha, indecisa; a 20 as mangas do Mahueva investiram com impetuosidade, dirigindo a sua furia contra os flancos, para enfraquecer o centro e cortal-o, mas duzentos caçadores de Muzila acudiram a tempo ao ponto fraco e puzeram em debandada o inimigo. Ficaram mortos mais de vinte mil combatentes.

— E Mahueva?

— Fugiu primeiro para os matebeles e depois fixou residencia no Mossuete, pois não perdera a esperanza de reconquistar o poder, o que nunca conseguiu, apesar dos esforços empregados, e morreu em 1866.

— E Muzila satisfez os seus compromissos?

— Com o governador de Lourenço Marques; com as outras autoridades não se importava. Os outros districtos eram assolados, os indigenas mortos e roubados, os brancos tratados como inimigos. Tanto assim que naufragando o brigue *Nossa Senhora da Conceição* em Chilokane, os passageiros e tripulantes foram aprisionados por vátuas, levados para a povoação do regulo, no Mossurise, obrigados todos, e entre esses um official, Rogaciano Pedro Rodrigues, a pilar



Agustín Antolino

Patrão do laúd «Vicente Lacomba», outro denodado que tambem recebeu a cruz do Merito Naval

milho. Muzila só lhes deu a liberdade quando o governo portuguez pagou o resgate exigido por elle.

— Que fim levou o Muzila?

— Morreu de enfermidade em 1883 ou 1884.

— Succedeu-lhe então o Gunganhana...

— A successão pertencia a Mafemane, mas Mordungaz, que resi-

Pedro Montt



Novo presidente do Chili, proclamado pelos partidos Nacional, Radical e Liberal doutrinário

dia na mesma povoação do pae, apenas este expirou, aliciou partidários fieis e mandou assassinar o irmão e seu tio Cuio.

— E a ordem foi cumprida?

— Cuio deveu a vida à sua imperturbavel serenidade, e ainda ao temor que inspirava um filho do Manicusse...

— E Mafemane?

— Nada lhe valeu. Informado da vinda dos sicarios do Gungunhana, foi fora da palhota, e de sorriso nos labios, perguntou-lhes: — Mordungaz quer a minha morte? Já sei que o Muzilla falleceu. Não se apoquentem, mas só me hão matar ao sol posto; preciso entender-me com as mulheres.» Os assassinos rodearam a povoação e sentaram-se irresolutos sobre o modo como deviam proceder.

— E' interessante o que contas.

— Quando o sol declinava no horisonte, Mafemane saiu da palhota, calmo e socegado, e, acercando-se dos sinistros emissarios, declarou: — «Aqui estou ao vosso dispor podem matar-me.» — Os sequeiros de Gungunhana, vacillantes, indecisos, não se atreviam a vibrar o golpe fatal. Mafemane insistiu: — «Repito podem matar-me agora. — Após esta insistencia, um, mais audacioso, vibrou-lhe uma azagaia ao arcabouço e os demais concluíram a funebre tarefa. Gungunhana ficava sem competidores.

— E quando nos começou a hostilizar?

— Em 1885 mandou uma embaixada a Lisboa para fazer acto de vassalagem, e no anno seguinte promettia, ante uma delegação do governo mandada ao Mussurise, cumprir fielmente os tratados celebrados por seu pae com os portuguezes, o que não evitava que as suas mangas devastassem as terras dos régulos amigos de Portugal.

— Porque é que o Gungunhana veio do Mussurise para o seu actual manjaze?

— Conservou-se ali até 1889; n'essa epocha, ou por motivos politicos, ou por causa d'uma epizootia que ameaçava destruir-lhe todo o gado, deixou as margens do Save e veio para onde actualmente está na região dos chopos. Foi essa a nossa desgraça!...

— Porquê?

— A marcha dos vátuas atravez de Sofala e Inhambane foi uma terrivel calamidade para todos nós. Uma parte dos vátuas passou pelo Chicuala-Quala, ao longo do Limpopo, a outra cruzou pelo interior de Inhambane. Podiam enão ter sido completamente aniquilados...

— Como?

— As forças dos regulos de Inhambane e parte das de Lourenço Marques eram sufficientes para bater os vátuas em marcha, não só porque estes defenderiam os seus campos talados, as povoações arazadas, as mulheres roubadas, os parentes assassinados, os gados extorquidos, mas ainda porque trazendo os invasores numerosas manadas, dividiam os combatentes por uma grande extensão de terreno, enfraquecendo assim a massa dos combatentes, sendo-lhes facil cortarem-n'os e provocar um radical desbarato.

— Era um excellento ensejo; porque não procedeu o governo em harmonia com o que a boa razão aconselhava?

— Se havia quem desejasse destruir o poderio do Gungunhana, existia tambem quem quizesse o contrario. Em vão meu pae Binguana pediu armas e protecção ao governo de Inhambane; batemos-nos até onde pudemos na proporção d'um para dez, e meu pae caiu honrosamente dentro da aringa que defendia. O que causava estra-

nheza e ao mesmo tempo pena, é que nós e elles todos desfaldávamos a bandieira portugueza.

— O facto é realmente extraordinario e talvez nunca tivesse succedido. E então esse o motivo do teu odio contra o Gungunhana?

— E. Isolado, sem ninguem me auxiliar, resisti aos vátuas em quanto pude. Derrotado, refugiei-me nas terras do Cumbo. Agora que os brancos parecem querer acabar para sempre com o despoitismo d'esse tigre, eis-me aqui disposto a auxiliá-los com a maxima lealdade e com todos os meus recursos...

— Ao acabar Esperanhana estas palavras, ouviram-se retumbantes e sinistras as palavras:

— Fogo! Fogo!

N'um abrir e fechar d'olhos tudo quanto estava acordado saiu para fora das palhotas e os que dormiam ao ar livre viram com dolorosa surpresa erguerem-se para o firmamento enormes e rubras labaredas.

— Onde é o incendio? — perguntou um official ainda estremunhado.

— Na parte norte do barracão central, junto do bivaque de cavallaria.

— Oh! com a fortuna! mas ahí estão alguns doentes, e cá fora hem perto os cunhetes com o cartuchame da artilharia e infantaria.

— E o nosso alfares Lobo, que dorme n'uma das palhotas que está a arder? — exclamavam varios soldados correndo n'essa direcção.

— Como principiou o fogo? — interrogavam todos entreolhando-se com angustia.

Ninguem sabia responder a esta pergunta tão natural. As primeiras chammas surgiram no tecto da palhota do alfares Lobo. Impellidas pelo vento, as faulhas, propagaram o incendio á palha e ao matto resequido que constituia a parede do barracão. N'um instante, como na apothose d'uma magica, o acampamento abraçou-se em labaredas pavorosas projectando um clarão enorme e phantastico, que illuminava os campos até grande distancia. As chispas que saíam d'esta fornalha, depressa engrandecida a proporções de vulcão, ameaçavam transformar o vermelho brazido n'uma exterminadora mina explosiva.

— As munições, ás munições! — bradavam o capitão Abreu Machado e o alfares Raul Costa.

Onde canta o Sabiá



Emilio de Menezes (Rio de Janeiro)

E dando o exemplo aos subordinados, n'um phrenesi de energia e de força, conduziam para longe os caixotes com lanternetas e granadas, cegos pelo fumo, quasi asphixiados pelas densas columnas de negros vapores que os envolviavam e que lhes penetravam nos pulmões em afflictivas bafaradas.

— E os mantimentos, as forragens, as armas!? — exclamavam d'aquí e d'aquella, os que angustiosamente pensavam que iam ficar inertes, indefesos, em frente do inimigo.

As diligencias redobravam, affrontando-se o calor esbrazante que convertia esses homens nas salamandras da lenda, arrostando sem um desfalecimento os milhões de scotelhas que incidiam na pelle como outras tantas pontas de estyletes em braza; os rôlos de fumo cada vez eram mais espessos.

— Eh! afasta! — ordenou a voz clara e insinuante de Mousinho de Albuquerque.

Apenas houve tempo para os homens recuarem alguns metros. N'um estrepito vibrante de metaes a despenharem-se, n'um funebre tanger de chapas de zinco em choques desencontrados, n'um estalar de madeiras verdes e seccas em combustão, a cobertura do edificio vinha abaixo, espandando em redor myriades de escorias incendiadas, como se fôra a ultima e colossal peça de fogo de artificio d'um pyrotechnico de fama.

Não se pudera acudir a tudo. Dentro d'algumas das palhotas, n'um apice tornadas chamejantes fogueiras, ficaram abandonadas cartucheiras atulhadas e maços de cartuchos, que, n'um dado momento, vieram juntar ao medonho concerto do lufar das labaredas e do estourar dos troncos plenos de seiva, um troteo nutrido, um frémito de detonações desencontradas e intermitentes ainda mais irritantes e desharmonicas que a fuzilaria nervosa d'um combate sem disciplina.

Mousinho pretendia conservar os cavallos seguros de modo que não se tresmalhassem. Soltal-os era arriscar-se a perder uma parte d'elles; mantel-os onde estavam, amarrados junto do barracão em chammas, representava o sacrificio do principal elemento da unidade que commandava. Os animaes, amedrontados com o clarão do incendio, inquietos com a extraordinaria elevação da temperatura, espantados com o alarido, receosos com as repetidas detonações, empregavam violentos esforços para se libertarem das cabeçadas que os prendiam.

— Corta! — ordenou Mousinho ao ferrador do esquadrão que o consultava com a vista.

Um golpe dado aqui e ali nas prisões soltou os espavoridos solidos. Estes, de todo desvairados, largaram-se em vertiginosas desfiladas; ofuscados pelo reflexo do incendio, mordidos pelas faulhas, relinchando furiosos e dementados, galoparam em todas as direcções até baterem de encontro ás vedações de arame farpado, que n'um impeto tremendo quebraram, espalhando-se ainda mais velozes e tresloucados pelo capim fora.

Mousinho contemplava com a usual serenidade o aniquilamento do que tanto lhe custara a organizar, mas nem um só musculo da face se lhe contraiu. A sua imaginação sempre fertil e em vibração procurava um expediente prompto para remediar o que todos supunham inevitavel perda.

Ao incendio, que de momento para momento crescia em labaredas, contrapunha-se a escuridão das selvas, ao largo, n'um horizonte limitado. O perigo não consistia apenas no terrivel elemento que, com cruel furia destruia viveres, medicamentos e munições: escondia-se principalmente n'essas trevas que a ninguem era dado profundar, e onde cada branco julgava descobrir os olhos relampejantes dos negros mais ferozes ainda que os das hyenas e dos leopardos surprehendidos com a estupenda queimada.

As labaredas, escarlates como metal em fusão, ora punham manchas de sangue no solo incadescente da areia, ora em vacillações azuladas, com intermitencias lividas de exhalações de cemiterio, revestiam de cadaverica pallidez as estupefactas testemunhas da desoladora conjunctura.

Para além do muro opaco, que se erguia em redor, o que existia? Seria o fogo um ardil tantas vezes empregado pelos cafes nas suas fulminantes surpresas? Concentrar-se-iam as mangas ao abrigo do matto immerso na obscuridade para se arrojarem como um eclere e cruento projectil humano de encontro a esse punhado de brancos desordenados pela catastrophe?

A phantasia dos m. nos calmos via ao longe reluzirem as laminas espalmadas das azagais, ouvia os estalidos seccoos do aperrar das espingardas, sentia o surdo e compassado piso da impi em marcha silenciosa, divisava as chimericas sombras projectadas pelos adjacentes capacetes de plumas; era o desconhecido, o vago, o incerto, com todo o seu angustioso cortejo de horrores; o mysterio e a superstição de mãos dadas a incitar os negros a accommettida traiçoira da noite e a introduzir na alma dos menos estoicos o lampejo de desalento e de terror, a que nem os heroes se subtraem.

O coronel Eduardo Galhardo, alma de soldado, digna de commandar taes subordinados, mediu n'um relance o risco que todos corriam e voltando-se para o seu corneteiro ás ordens determinou-lhe:

— Toca a unir!

Bem poucas vezes na historia militar d'um povo o toque da corneta soou tão empolgante e majestosamente aos ouvidos de quem tem por dever pegar em armas. O pavor do imprevisito foi recalçado para dentro de cada peito e a reacção contra esse involuntario sentimento de fraqueza converteu cada recruta n'um veterano. A corneta era a voz da patria distante que chamava pelos seus filhos, e ninguem deixou de pensar de si para si que o appello não seria baldado.

— Que venham! — rugiram todos.

O quadrado formou-se com a rapidez dos transes supremos, firme e solido como a convicção da honra no espirito d'um homem corajoso. E na pleiade de generaes, de todas as nações e de todos os

tempos, que a historia evoca, como sendo a incarnação da intrepidez e das mais poderosas faculdades militares, não havia um só que não se sentisse lisonjeado em se encontrar á frente d'esses bisonhos representantes das varias provincias do nosso paiz.

Que espectáculo sublime aquelle! Quatro ou cinco dezenas de homens, unidos como um bloco de alvenaria, uma almofada de toucador erriçada de baionetas, diminuta pinha de faces afogueadas, tendo como peanha uma eminencia e por facho a fogueira enorme, sanguinea, d'uma parte dos seus limitados recursos. E assim se conservaram até a madrugada, d'olhar perscrutador, dedo no gatilho e expressão de desafio.

Quando alvoreceu, o dia saudou n'elles os heroes das indeleveis epopeas e cobriu-se do seu mais ridente manto d'anil, entoo as hosannas matinaes dos fulgurantes acontecimentos historicos, inundou de luz o outeiro que servia de pedestal ao monumento por elles erguido, convidou o sol a coroar-lhe as frentes de uma auréola que nunca mais se apagará dos fastos da sua patria, levantou-lhes tão alto os mirrados vultos que ninguem os poderá exceder na avantajada estatura aos poemas sangrentos das batalhas. Até Deus, ao contemplar corpos tão pequenos e corações tão grandes, murmurou n'um sorriso de ineffavel satisfação:

— Salvé, filhos de Portugal!

EDUARDO DE NORONHA.



Carolina Falco



† em Pernambuco, em 29-8-906

Com grande maquina registra o «Brasil-Portugal a morte da distincta actriz Carolina Falco, que deixa um lugar difficil de substituir na scena portugueza. Na sua longa carreira do theatro foi sempre de uma correcção inexcelsavel. Bella ainda a despeito da idade, impunha-se á sympathia dos publicos e á estima e ao respeito dos que de perto a conheciam. Artista conscienciosa, alliaxa ao amor pela sua arte, uma alma cheia de bondade. Vem a proposito relembrar um t-echo de dialogo travado ha poucos annos, n'um hotel de S. Paulo no Brasil, entre Carolina Falco e nos:

— Gosta do Brasil?

— Adoro-o. Mas assusta-me. E' tão grande!

— E não receia a febre amarella?

— Eu lhe digo. Não a receio, mas não desejaria morrer por cá tão longe do meu theatro e... sobretudo tão longe dos meus filhos. Que o ser chorado deve ser uma consolação para quem morre. As lagrimas que chorariam por mim sei que seriam quentes e muitos, mas prefiro ir morrer a Portugal. Que a minha hora não soe ainda.

«Mas se tiver de ser, paciencia. Antes eu do que essas raparigas lovas e esses rapazes que vieram. Os novos têm mais direito á vida do que eu que já vivi demais...»

E eram sinceras estas palavras. Nas'am ellas para bem definirem a coração simples e bom de Carolina Falco.

Deus não ouviu os rogos da artista que afinal foi morrer em Pernambuco, longe do seu theatro e tão longe dos que a choram hoje. Paz á sua alma.